



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

## Crenças Sobre o Papel do Pai: Um Olhar Sobre Diferentes Gerações de Homens

Lúcia de Fátima Tavares Costa Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar  
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora

Professora Doutora Tânia Boavida,  
CIS-IUL; ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

## Crenças Sobre o Papel do Pai: um Olhar Sobre Diferentes Gerações de Homens

Lúcia de Fátima Tavares Costa Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar  
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora

Professora Doutora Tânia Boavida,  
CIS-IUL; ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

### **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Lúgia Monteiro, pela orientação, disponibilidade, dedicação e principalmente pelo encorajamento, para que eu desse sempre mais e melhor, nunca me deixando enfraquecer nos momentos mais difíceis.

À professora Doutora Tânia Boavida, pela dedicação e colaboração e disponibilidade ao longo deste ano.

A todas as instituições e famílias que fizeram com que este trabalho fosse realizado, aceitando participar neste estudo.

Ao meu marido, pelo amor, carinho, atenção. Por me apoiar incondicionalmente nesta fase da minha vida, apoiando nos momentos mais difíceis, sem nunca me deixar desistir deste projeto. Obrigado pelo tempo ao telefone, por me ouvir a chorar quando pensava que nada fazia sentido.

À minha filha Rita, obrigada meu amor por compreenderes o porquê de a mãe não estar presente em alguns momentos na tua vida e por seres a filha mais querida.

À Maria, por nunca desistir de mim, a quem devo tanto da minha vida. Por todos os momentos partilhados, desabafos, gargalhadas e por estares sempre a torcer pelo meu sucesso.

Aos meus pais e sogros por fazerem com que a distância não parecesse tão triste.

Obrigada por cuidarem da minha filha sempre que a mãe estava ausente.

À minha entidade patronal, por toda a compreensão e disponibilidade que me foi prestada.

## **Resumo**

Diversas mudanças nas esferas sociais, culturais, económicas e políticas têm conduzido a progressivas mudanças na perceção acerca do papel do pai, nomeadamente, nos cuidados à criança. O presente estudo teve como objetivo analisar numa amostra de 205 pais (com idades compreendidas entre os 23 e os 82 anos) de diferentes gerações, as crenças que estes têm sobre o seu papel parental, controlando diversas variáveis sociodemográficas. Os instrumentos utilizados foram o questionário sociodemográfico e o questionário “O Papel do Pai”. Os resultados indicam que não existem diferenças significativas entre os grupos de pais, em função da sua idade, relativamente às suas crenças paternas. Existem associações positivas e significativas entre a idade do pai e o número de filhos e entre a idade do pai e a idade em que este foi pai pela primeira vez. Existe, ainda, uma associação positiva e significativa em relação à idade que foi pai pela primeira vez e as habilitações literárias. Os resultados apontam para um pai com crenças modernas, independentemente da sua idade.

*Palavras-chave:* Parentalidade; Papel do pai; Crenças parentais.

### **Abstract**

Several changes in the social, cultural, economic and political spheres have led to progressive changes in the perception of the father's role, namely, on child care. The present study aimed to analyze parents' beliefs about their roles as a father in a sample of 205 fathers (with ages between 23 and 82 years) being part of different generations, controlling various sociodemographic variables. Fathers completed two questionnaires: The sociodemographic questionnaire and The Role of the Father Questionnaires. Results show that there aren't significant differences between the 3 groups of fathers (organized based on their age), about their paternal beliefs. There are positive and significant associations between the father's age and the number of children, and between the father's age and their age when they first became parents. It was also found a significant and positive association between the father's age when they first became parents and their academic qualifications. The results show a father with modern beliefs about his role, regardless of his age.

*Keywords:* Parenting, Father's role, Parental beliefs

## Índice

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                               | 1  |
| I. Enquadramento Teórico .....                 | 3  |
| 1.1. A Família: A Parentalidade .....          | 3  |
| 1.1.2. O Pai na Família .....                  | 5  |
| II. Crenças sobre o Papel do Pai .....         | 7  |
| 1.3. Objetivos .....                           | 9  |
| II. Método .....                               | 10 |
| 2.1. Participantes .....                       | 10 |
| 2.2. Instrumentos .....                        | 11 |
| 2.2.1. Questionário sociodemográfico .....     | 11 |
| 2.2.2. Questionário sobre o Papel do Pai ..... | 11 |
| 2.3. Procedimento .....                        | 11 |
| III. Resultados .....                          | 13 |
| 3.1. Papel do Pai .....                        | 13 |
| IV Discussão .....                             | 16 |
| Bibliografia .....                             | 22 |

## Índice de Quadros

### **Quadro 2.1**

Porcentagem de pais que completaram os diversos ciclos de estudos .....10

**Quadro 3.1.** Valor das Médias e Desvios Padrão relativas às crenças sobre o Papel do Pai por grupo etários

.....13

**Quadro 3.2.** Correlações do Coeficiente de *Pearson* entre as crenças do Papel do Pai e variáveis sociodemográficas.....14

## **Introdução**

A família é um sistema aberto, em relação dinâmica com o exterior, pelo que será expectável que mudanças no contexto no qual a família está inserida tenham impacto nas dinâmicas familiares, ao nível das relações entre os seus elementos, dos papéis por si assumidos, bem como os próprios indivíduos (Relvas, 1996). Assim, produto de enormes transformações culturais, sociais e económicas, o papel do pai tem recebido especial atenção, nomeadamente, em relação aos novos domínios onde parece progressivamente mais envolvido, como os cuidados e educação da criança (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb & Boller, 1999; Torres, 2004). Estas mudanças não são, contudo, independentes do maior envolvimento da mulher na esfera laboral, promovendo-se uma divisão mais igualitária das responsabilidades no domínio doméstico e da educação da criança (Deutsch, 2001; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000).

Segundo Aboim (2010), a sociedade portuguesa, e em particular a vida familiar e os papéis desempenhados pela mulher e pelo homem eram até há pouco tempo estigmatizadas pela diferenciação de género. O homem era visto como o responsável pelo sustento da família, o elemento moralizador e disciplinador, e a mulher como estando encarregue das tarefas domésticas de gestão familiar, assim como, dos cuidados e educação dos filhos. Comparativamente com as gerações anteriores, os pais atualmente parecem mais envolvidos na educação dos seus filhos e passam mais tempo com os mesmos (Pleck & Masciadrelli, 2004).

O estudo sobre o papel do pai e do seu envolvimento na vida da criança tem enorme pertinência dado diversos estudos reportarem que um maior envolvimento do pai se encontra associado a consequências positivas para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança (ver Lamb, 2010). Nos estudos de Simões e colaboradores (2010 in Ramalho, 2015), verificou-se que os pais têm uma perceção de si mesmos como envolvidos e disponíveis nos cuidados e na educação da criança.

Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi analisar em homens, que assumiram a parentalidade, as suas crenças acerca do papel do pai na vida e desenvolvimento da criança.

Serão consideradas diversas gerações de pais (com base na idade em que foram pais pela primeira vez) e as associações com diversas variáveis sociodemográficas.

## I. Enquadramento Teórico

### 1.1. A Família: A Parentalidade

Do ponto de vista da história da família, na Roma Antiga toda a autoridade era delegada ao homem, figura patriarcal, que desempenhava todas as funções religiosas, morais, económicas. A representação familiar romana era simbolizada pelo pai, com a mulher romana a ser considerada parte integrante do homem (Leandro, 2006).

A noção de família e os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher foram-se modificando ao longo dos tempos, mas a noção de que este contexto é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, manteve-se (Silva, 2003). A própria estrutura da família tem sofrido alterações como por exemplo a diminuição do número de filhos; a emergência das famílias monoparentais, homoparentais ou reconstituídas (Dias, 2011). Por outro lado, as famílias adiam, cada vez mais, o nascimento do primeiro filho. Segundo os dados da Pordata (2017), atualmente a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho ronda, em média, os 30,3 anos, o que é indicativo de uma parentalidade cada vez mais tarde.

Existem várias definições e perspetivas sobre a família. Numa perspetiva sistémica a família é considerada como um todo, devendo ser estudada como um sistema, composta por objetos, atributos e relações e no qual se integram subsistemas ou suprassistemas, organizados de forma hierárquica e delimitados por fronteiras (Alarcão, 2006). Nesta visão, a família é um modelo de interação e inclusão dos seus membros, em que, a comunicação é a ligação entre todo o sistema (Dias, 2011).

Na família podemos distinguir quatro subsistemas que são ligados às interações entre os indivíduos, aos papéis que cada um desempenha, e com normas que a própria família vai construindo (Relvas, 1996). São identificados o subsistema individual – o indivíduo; o subsistema parental que apresenta funções básicas de proteção, educação e do desenvolvimento da criança, sendo visto como um sistema executivo da família. O subsistema fraternal que engloba os irmãos e representa processos de socialização e diferenciação. Por último, o subsistema conjugal que engloba o casal, tendo como funções o desenvolvimento de limites e fronteiras de modo a proteger o núcleo familiar da intromissão de outros elementos.

Assim, Relvas (1996), e de acordo com os estudos de Minuchin, estabelece diferentes etapas do ciclo vital da família: a formação do casal; a família com filhos

pequenos; a família com filhos na escola; a família com filhos adolescentes; a família com filhos adultos.

A família inicia-se com o casamento, sendo expectável que os seus elementos sejam capazes de construir uma nova identidade, um núcleo isolado e diferenciado das famílias de origem; que haja a capacidade de ajustar valores, regras que cada membro constrói de forma individual, integrando-as na unidade que é o casal (Relvas, 1996).

A etapa seguinte é a da família com filhos pequenos, e tem início com o nascimento do primeiro filho, conduzindo à emergência do subsistema parental, e a uma nova mudança na vida e dinâmicas do casal, com a passagem de uma relação diádica a triádica. Deste modo, os pais organizam o modelo parental, que leva a dois modelos distintos: o maternal e o paternal, ou seja, uma adaptação das funções desempenhadas pelos adultos, que vão para além do casal ou da casa, mas também com noutros contextos, como as famílias de origem, os amigos, ou o trabalho (Relvas, 1996).

Segue-se o estágio da família com filhos na escola. Neste, a família tem a tarefa não só de prestação de cuidados, de modo a responder às necessidades físicas e afetivas de cada um dos elementos, mas também a abertura do sistema familiar ao extrafamiliar, com novas ligações a professores e pares. Ocorrem mudanças e reorganização das tarefas parentais em função do filho, de modo a que este se torne progressivamente cada vez mais autónomo (Alarcão, 2002). A parentalidade é fundamental, não só, para o desenvolvimento da criança, mas também, na visão que a própria vai construindo do que é ser pai/mãe (Bjorklund, Yunger & Pellegrini, 2002).

Segue-se a etapa da família com filhos adolescentes, onde é fundamental haja uma flexibilização das fronteiras e das normas da família, com a diminuição do controlo exercido sobre os filhos, passando este mais a ser uma supervisão, no sentido de ajudar o jovem no processo de autonomização e na progressiva transição para o assumir de papéis de adultos. Os pais são recursos psicológicos e emocionais a quem os filhos podem recorrer, para além dos aspetos funcionais.

O último estágio é a família com filhos adultos. Esta fase é marcada por diversas transformações no sistema familiar, com a saída de filhos e entrada de outros membros para a família como genros e noras. Para além destas, outras reestruturações ocorrem a renegociação da relação do casal (regresso à díade) e o lidar com o envelhecimento.

Assim, a família é um sistema que tem que se redescobrir e reorganizar ao longo do seu desenvolvimento, procurando um novo equilíbrio à medida que avança no ciclo vital (Alarcão, 2002).

### **1.1.2. O Pai na Família**

Numa visão tradicional da família e dos papéis de género os homens são vistos como os responsáveis pelo sustento familiar, transmissão de valores e da moralidade, e as mulheres como responsáveis pela realização das tarefas domésticas e do cuidar dos filhos (Aboim, 2010).

Na década de 80, muito devido à entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, emerge a preocupação de integrar o pai na vida dos filhos, como um agente ativo e participativo, para além da mãe. Neste sentido, e segundo Wall, (1997 in Aboim, 2010), foram criadas diversas soluções públicas, nomeadamente: criação de legislação sobre o direito de faltar ao trabalho e licenças associadas; o aumento da proteção às mães que trabalham (antes e após o parto); e a expansão dos serviços de guarda das crianças pequenas. A participação do homem na licença parental foi um enorme avanço em termos da igualdade de géneros, verificando-se que apesar de diversos entraves por parte das entidades patronais, o gozo das licenças parentais tem aumentado desde a sua introdução (Wall, Atalaya & Cunha, 2016). Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, número de pais que gozaram a licença parental em 2017 foi de 74 699 (INE, 2017).

Nos resultados do inquérito ISSP Family and Changing Gender Roles (Wall et al., 2014), verificou-se que a divisão conjugal do trabalho tem evoluído no sentido de um maior equilíbrio, em particular quando existem crianças pequenas. E a maioria dos participantes concorda com a partilha da parentalidade entre pai e mãe. Segundo os autores observa-se a “disseminação de uma masculinidade cuidadora”, com o crescimento do usufruto das licenças parentais. A maioria dos homens goza a licença exclusiva do pai, para além dos dias obrigatórios. Em 2014, 26,4% das licenças parentais iniciais foram partilhadas entre o pai e a mãe. Neste mesmo estudo, os participantes referiram as alterações como benéficas e positivas (80%) em diversos níveis (e.g., relação da criança com o pai; bem-estar da criança; relação do casal; igualdade entre homens e mulheres na vida da família). Outro benefício da alteração da lei foi o grande apoio ao modelo do casal de duplo emprego, estando os dois pais a participar a tempo inteiro no mercado do trabalho. O referido estudo (Wall, 2014) salienta, ainda, que se constata indícios de uma progressiva transformação dos papéis de género na família, com cada vez mais indivíduos indicarem que o homem tem tanta responsabilidade quanto a mulher na gestão da vida familiar, e que é importante para o bem-estar da criança que o pai participe nos seus cuidados.

No entanto, o papel do pai não deverá ser concebido como universal e/ou unidimensional, uma vez que é possível a sua adaptação e negociação ao contexto familiar do mesmo. Assim, os pais podem assumir diversas funções e diferentes domínios e que não devem ser minimizadas (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008).

Um dos autores centrais no estudo do papel do pai tem sido Lamb (e.g., 2010), que apresentou um modelo tripartido do envolvimento paterno. O primeiro diz respeito à participação e interação com a criança no contexto da prestação de cuidados e de atividades partilhadas, ou seja, pode-se definir com o tempo que os pais passam em contato e interação direta com a criança, quer em atividades como a alimentação, o deitar, dar banho como, também, em atividades de jogo, ou ajudar nos trabalhos da escola. Vários estudos mostram que os pais e mães se envolvem em diferentes tipos de interação com os filhos, com os pais mais centrados no jogo/brincadeira e as mães nos cuidados à criança (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lamb, 2010). A segunda remete para a acessibilidade à criança, quer se verifique ou não interação, em que os pais se encontram acessíveis de modo a responder à criança em caso de necessidade. Por fim, é referida a responsabilidade que cada progenitor assume pelo bem-estar da criança, são atividades que não implicam a presença ou interação com a criança, mas que são fundamentais para garantir o seu cuidado e segurança.

Diversos estudos têm sido efetuados em Portugal sobre o envolvimento do pai na vida dos filhos. Num estudo realizado em Portugal por Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Costa, Torres & Vaughn (2010), com crianças a frequentar o jardim-de-infância, os resultados mostram que mesmo a mulher estando a trabalhar a tempo inteiro, esta é quase sempre a responsável pela realização das tarefas familiares e dos cuidados aos filhos, parecendo o pai emergir mais como um suporte quando é necessário (Monteiro et al., 2008). Tal como no estudo de Pimenta, Veríssimo, Monteiro e Costa (2010), o pai tendencialmente partilha, com a mãe, as atividades de brincadeira e socialização dos filhos.

Existem variáveis sociodemográficas associadas às características do pai, tais como: a idade, as habilitações literárias; número de horas de trabalho e escolaridade (e.g., Monteiro et al., 2008; Novo & Prada, 2015; Lima, 2005) que são importantes de se considerar quando analisamos o papel do pai.

Relativamente à idade do pai, Lima (2005) verificou que pais mais velhos assumem mais responsabilidades, comparativamente com os pais mais novos. No

estudo de Novo e Prada (2015), pais entre os 31 e os 35 anos e os 36 e 40 anos apresentam maior envolvimento nos cuidados aos filhos, relativamente os pais com mais de 46 anos. Este resultado parece ir ao encontro das diferenças entre gerações, com os pais mais velhos a ter uma visão mais tradicional do seu papel. Também Monteiro et al. (2010) reporta que são os pais com mais idade que se encontram menos envolvidos nas atividades de cuidados às crianças. Noutras amostras portuguesas (e.g., Monteiro *et al.*, 2006) não se encontraram associações com a idade do pai.

Relativamente às habilitações literárias, Novo e Prada (2015), verificaram que pais com maiores habilitações apresentam um maior envolvimento em relação à disciplina da criança, do que pais que apresentam habilitações mais baixas (e.g., ensino básico). Uma outra variável associada ao envolvimento paterno é o número de filhos. A literatura refere que, quanto maior o número de filhos, menor o envolvimento paterno (Flouri & Buchanan, 2003; Wood & Repetti, 2004).

## **II. Crenças sobre o Papel do Pai**

Nos últimos tempos, as mudanças ocorridas na família tradicional conduziram ao aparecimento de novas visões sobre o papel tradicional, surgindo a ideia de um pai “moderno” (Monteiro, Torres, Veríssimo, Costa & Freitas, 2015). Dado que esta visão resulta, pelo menos em parte, das crenças individuais sobre a paternidade, será importante analisar as mesmas, pelo impacto que poderão ter na interação do pai com os filhos (McBride, Brown, Bost, Shin, Vaughn & Korth, 2005; Favez, Tissot, Frascarolo, Stiefel & Despland, 2015).

As crenças do pai sobre o seu papel podem funcionar como preditores do seu envolvimento (Palkovitz, 2002). Deste modo, o exercício do seu papel deve ser analisado tendo em conta as suas crenças (McBride et al., 2005), uma vez que estas podem alterar o seu grau de envolvimento nas tarefas relacionadas com os filhos (Rane & McBride, 2000). Espera-se, que os pais que se percecionem como importantes para o desenvolvimento da criança, se apresentem mais envolvidos nos cuidados à criança, comparativamente aos pais com crenças mais tradicionais (Nangle, Kelley, Fals-Stewart & Levant, 2003).

Sidebotham (2001), nos seus estudos procurou investigar o modo como os pais percecionam as suas práticas parentais, verificando que os pais mostram sentimentos positivos no que diz respeito à parentalidade. Pais que têm a perceção que o seu papel é

muito importante para o desenvolvimento da criança, apresentam uma maior participação nos cuidados à criança do que os pais com crenças mais tradicionais (Fox & Bruce, 2001; Nangle, et al., 2003).

Em Portugal num estudo de Balancho (2004), foi feita uma comparação das representações acerca da paternidade em diferentes gerações, nomeadamente, comparando pais e avós. Foi possível constatar que as representações dos avós dizem respeito a um pai mais tradicional, mais associado com a autoridade e menos envolvido nos cuidados à criança. No que diz respeito às representações dos pais na atualidade, estes são pais mais sensíveis, compreensivos e dialogantes, envolvendo-se com a criança, e apresentando um ar mais descontraído e lúdico.

O papel do pai acarreta um conjunto de influências, não só para o desenvolvimento saudável e ajustado da criança, como para o próprio pai. Assumir a responsabilidade de ser pai e cuidar de uma criança gera um aumento da maturidade, assim como, do seu desenvolvimento enquanto adulto. Contrariamente aos outros homens que, por não serem pais, têm um desenvolvimento diferente (Palkovtiz, 2002).

Ser pai tem significados diferentes para cada indivíduo, e o modo como cada pai visiona, interage, integra e diferencia os seus papéis, varia consideravelmente (Palkovtiz, 2002). De acordo com Maia (2015) o papel do pai pode ser influenciado por diversos fatores, nomeadamente: a sua história de vida, em particular as relações que o sujeito estabeleceu com os seus próprios pais, a relação do casal, as suas características individuais (entre elas a idade, o emprego e a educação, bem como as atitudes, a motivação ou a personalidade), ou a cultura em que está inserido.

Também ao longo do ciclo de vida a paternidade vai adquirindo novos significados e novas preocupações. No estudo realizado por Silva e Silva (2014) analisou-se uma amostra de pais dividida em pais adolescentes (15 a 19 anos), pais em idade produtiva (20 aos 45 anos) e pais com idade madura (46 aos 61 anos). Os pais adolescentes apresentavam como principal preocupação garantir as necessidades básicas do seu filho, pelo que arranjar emprego é muito importante para os mesmos, levando-os a interromper os estudos. O facto de estes serem ainda muito novos faz com que tenham preocupações acerca do futuro do filho, do modo como os vão educar. Para os pais em idade produtiva as preocupações são diferentes uma vez que o filho (na sua maioria) já foi planeado e integrado num projeto de família. Nesta fase as principais preocupações prendem-se com o estabelecimento de limites, especialmente quando os filhos são adolescentes e os valores que devem ou não ser transmitidos.

Outra das preocupações é o facto de não conseguirem controlar os interesses dos filhos noutros contextos que não o familiar. Relativamente aos pais categorizados como maduros, a principal preocupação prendia-se com a saúde e a educação sendo, também, priorizada a relação com os filhos baseada no diálogo e na confiança, especialmente quando os filhos já se encontram a viver fora de casa.

### **1.3. Objetivos**

Os principais objetivos do presente estudo foram: (a) analisar as crenças que os homens que assumiram a parentalidade têm sobre o papel do pai na vida e desenvolvimento da criança, considerando diferentes gerações (com base na idade em que foi pai pela primeira vez); e (b) analisar os correlatos sociodemográficos das crenças sobre o papel do pai.

## II. Método

### 2.1. Participantes

Participaram no estudo 205 pais portugueses que foram recrutados através de escolas do Ensino Público e de Instituições Particulares de Solidariedade Social, da Ilha de São Miguel Açores. Os pais possuíam idades compreendidas entre os 23 e os 82 anos ( $M = 44.06$ ;  $DP = 12$ ), sendo que, 42.4% tinha idade até aos 39 anos, 42.0% entre os 40 e os 60 anos e 15.6% idade superior a 61 anos de idade. As suas habilitações literárias variavam entre o 4º ano de escolaridade e o Mestrado ( $M = 7.60$ ;  $DP = 2.93$ ). No Quadro 2.1 encontra-se uma descrição das habilitações literárias por ciclos de estudos. Destes pais, 25.5 % não trabalhava, 3.4% trabalhava a tempo parcial e 71.1% trabalhava a tempo inteiro. Dos pais que não trabalhavam 45.8% afirmou estar reformado. Os pais trabalhavam em média 39,89 horas por semana ( $DP = 5.53$ ).

Quanto ao estado civil 87,8% estava casado ou em união de facto e 12.2% divorciado/separado/viúvo/solteiro. Em relação à idade em que foram pais pela primeira vez, as respostas variaram entre os 16 anos e os 61 anos ( $M = 26.67$ ;  $DP = 6.02$ ). Estes pais tiveram entre 1 e 9 filhos ( $M = 2.33$ ;  $DP = 1.25$ ), sendo que 30.2% indicou ter uma família numerosa. Cerca de 68.8% dos pais tiveram o primeiro filho com menos de 18 anos e 31.2% respondeu que a idade do seu primeiro filho é superior a 18 anos. Em relação ao rendimento familiar destes pais, variou entre os 240.00 euros e os 3000.00 euros ( $M = 872.72$ ;  $DP = 522.96$ ).

### Quadro 2.1

Percentagem de pais que completaram os diversos ciclos de estudos

| Ciclo de Estudos                | %    |
|---------------------------------|------|
| Primeiro ciclo completo (4ºano) | 18.5 |
| Segundo ciclo completo (6ºano)  | 35.1 |
| Terceiro ciclo completo (9ºano) | 30.7 |
| Secundário completo (12ºano)    | 13.7 |
| Licenciatura                    | 1.5  |
| Mestrado                        | 0.5  |

## **2.2. Instrumentos**

### **2.2.1. Questionário sociodemográfico**

A Ficha de Identificação (Veríssimo, n.d.) visa recolher os dados sociodemográficos dos sujeitos participantes (e.g., idade, habilitações literárias, estado civil, trabalho), e da sua família (e.g., constituição do agregado familiar, rendimentos).

### **2.2.2. Questionário sobre o Papel do Pai**

O Questionário *The Father's Role* foi elaborado por Palkovitz (1984), tendo sido traduzido e analisado para amostras portuguesas por Monteiro, Torres, Veríssimo, Torres, Costa, e Freitas (2015). Este instrumento visa avaliar as crenças que os pais têm sobre o papel parental. É um questionário de autorrelato, composto por 15 itens que estão organizados numa dimensão. É respondido numa escala de 5 pontos em que: (5) Concordo fortemente; (3) Não concordo, Nem Discordo; (1) Discordo Fortemente.

Este questionário, na sua versão original foi construído para pais com bebés, sendo que depois revisto para pais com crianças em idade pré-escolar. Foram removidos os itens 4, 10 e 13, sendo que os valores totais (soma dos itens) podem variar entre 12 e 60. O alfa de *Cronbach* para esta amostra foi de .65, o que é um valor aceitável.

## **2.3. Procedimento**

O estudo foi apresentado em diversas escolas de ensino da Rede Privada com fins lucrativos, tendo apenas uma escola e dois Centros de idosos aceitado participar. O Diretor da escola e os responsáveis pelos centros assinaram um consentimento informado, indicando ter conhecimento dos objetivos e procedimentos do estudo, dando autorização para a recolha dos dados. Este estudo seguiu todos os procedimentos éticos aconselhados pela APA e OPP.

No caso das escolas, os questionários foram entregues aos pais pelas crianças, sendo explícito na carta/consentimento que o questionário era para ser respondido pelos pais e entregue em envelope fechado. Os questionários foram em dia combinado recolhidos pelo responsável do estudo.

Após a recolha dos dados, estes foram inseridos numa base, tendo-se posteriormente procedido às análises estatísticas com recurso ao SPSS Statistics Versão 25 para o Windows.

### III. Resultados

#### 3.1. Papel do Pai

Em relação às crenças que os pais têm à cerca do seu Papel enquanto Pais, obtiveram-se valores entre 35 e 55, sendo a média de 47.21 ( $DP = 3.89$ ). Deste modo, verifica-se que a crença destes pais se situa acima do ponto médio da escala, ou seja, a percepção que os pais têm acerca do seu papel pode ser considerada como modernista, vs uma perspetiva mais tradicional de pai.

Os valores mantêm-se no domínio de crenças modernas, quando se analisa as crenças do Papel do Pai por grupos de idade, que estarão associados a diferentes gerações de pais (ver quadro 3.1).

#### Quadro 3.1

Valor das Médias e Desvios Padrão das crenças sobre o Papel do Pai por grupos etários

| Grupo de idade | Mínimo | Máximo | <i>M</i> | <i>DP</i> |
|----------------|--------|--------|----------|-----------|
| Até 39         | 35     | 55     | 46.64    | 4.06      |
| 40 a 60        | 40     | 55     | 47.57    | 3.83      |
| > 61           | 41     | 53     | 47.81    | 3.47      |

De seguida, realizou-se uma ANOVA para verificar o impacto da idade na percepção do Papel do Pai. Os resultados obtidos indicam que não existem diferenças significativas nas crenças do Papel do Pai nos vários grupos etários [ $F(2, 202) = 1.68, p = .188$ ].

Foram realizados testes *t* de *Student*, para amostras independentes, no sentido de comparar as crenças sobre o papel dos pais relativamente ao fato de trabalharem ou não; ao tipo de família (família pequena e numerosa > 3 filhos), e à idade do primeiro filho. Não foram encontradas diferenças significativas relativamente aos pais que não trabalham ( $M = 47.08, DP = 3.77$ ) e aos pais que trabalham [ $M = 47.27, DP = 3.95$ ;  $t(202) = -.31, p = .759$ ]; entre as famílias pequenas ( $M = 47.36, DP = 3.84$ ) e as famílias numerosas [ $M = 46.89, DP = 4.02$ ;  $t(203) = .79, p = .429$ ], bem como relativamente à idade do primeiro filho, nomeadamente, com menos 18 anos ( $M = 47.13, DP = 3.85$ ) e mais de 18 anos [ $M = 47.40, DP = 4.00$ ;  $t(203) = -.47, p = .636$ ].

De modo a analisar as inter-relações entre as crenças sobre o Papel do Pai e as idade e habilitações literárias do pai, tipo de trabalho (tempo inteiro ou parcial); idade em que foi pai pela primeira vez, número de filhos e rendimento familiar, calculou-se o Coeficiente de Correlação de *Pearson*.

Como se pode observar no quadro 3.2, relativamente ao Papel do Pai, existem associações significativas, com as diferentes variáveis sociodemográficas.

### Quadro 3.2

Correlações do Coeficiente de Pearson entre Papel do Pai e variáveis sociodemográficas

| Variáveis Sociodemográficas | 1    | 2      | 3      | 4    | 5      | 6     |
|-----------------------------|------|--------|--------|------|--------|-------|
| 1. Papel do Pai             | -    |        |        |      |        |       |
| 2. Idade                    | .13  | -      |        |      |        |       |
| 3. Habilitações literárias  | .03  | -.44** | -      |      |        |       |
| 4. Trabalho (tipo)          | .04  | -.09   | .08    | -    |        |       |
| 5. Número de filhos         | -.06 | .41**  | -.33** | -.09 | -      |       |
| 6. Idade foi pai 1º vez     | .13  | .31**  | .05    | .14  | -.20** | -     |
| 7. Rendimento Familiar      | .12  | -.03   | .46**  | -.01 | -.10   | .24** |

\*\*  $p < .01$

A idade do pai encontra-se negativa e significativamente associada com as habilitações literárias, ou seja, quanto mais idade tem o pai menos habilitações literárias possui. Também se verifica uma associação positiva significativa entre a idade do pai e o número de filhos e entre a idade do pai e a idade em que foi pai pela 1ª vez, ou seja, quanto mais velho o pai, maior o número de filhos que possui e mais tarde foi pai pela primeira vez.

As habilitações literárias também estão negativa e significativamente associadas ao número de filhos, ou seja, indivíduos com mais habilitações têm um menor número de filhos, e positiva e significativamente associadas ao rendimento (mais habilitações significa mais rendimento familiar).

Não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa entre o número de horas de trabalho do pai e as restantes variáveis sociodemográficas.

Relativamente ao número de filhos verificou-se estar negativa e significativamente associado à idade que foi pai pela primeira vez, ou seja, quanto maior o número de filhos, menor a idade em que foi pai pela primeira vez.

Finalmente estudando a associação entre o rendimento familiar e as diferentes variáveis, verifica-se haver uma associação positiva e significativa em relação à idade que se foi pai pela primeira, ou seja, quanto mais tarde foi pai pela primeira vez, maiores as habilitações literárias

## IV Discussão

Com a alteração da lei da paternidade e com a entrada massiva da mulher no mercado do trabalho, a percepção social sobre o papel do pai tem vindo a sofrer alterações, no sentido de uma visão mais modernista. Isto é, o pai tem vindo progressivamente a apresentar uma maior proximidade e envolvimento na vida dos seus filhos (Benczik, 2011; Torres, 2004; Tamis-LeMonda & Cabrera, 2002).

No entanto, outros autores, salientam que estas mudanças são mais lentas, com uma mistura de crenças modernas e tradicionais e diferenças ao nível dos comportamentos em função dos géneros das figuras parentais. Por exemplo, Monteiro e colaboradores (2010) e Pimenta, et al., (2010), referem que o pai português, ainda, tem um papel menor em relação à mãe, pois este apenas partilha as atividades de brincadeira e lúdicas dos filhos, enquanto a mãe parece continuar a ser mais frequentemente a figura que investe nos cuidados aos filhos.

Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar as crenças que os Pais têm sobre o papel do pai e o seu impacto na vida da criança, considerando homens de diferentes idades/gerações.

Neste sentido, pediu-se aos pais que preenchessem um questionário denominado “The Father’s Role” de Palkovitz (1984), que avalia as crenças que os pais têm sobre o papel paterno. Um total de 205 pais respondeu ao questionário, na sua grande maioria residente nos Açores. Foi possível dividir os sujeitos em três grupos de acordo com as suas idades (até 39 anos; dos 40 aos 60 anos e a partir dos 60 anos) procurando, assim, identificar diferentes gerações de pais.

Os resultados obtidos neste estudo que consideraram diversas gerações de pais indicam que a percepção que os pais têm acerca do seu papel pode ser considerada como modernista vs. uma perspetiva mais tradicional de pai. De acordo com Sarmiento (2005) o conceito de geração baseia-se num grupo de pessoas que nasceram no mesmo período, tendo vivido durante o seu crescimento os mesmos acontecimentos sociais e potencialmente partilhando as mesmas experiências. Associadas a estas idades, encontram-se diferentes etapas de desenvolvimento do adulto (jovem adulto, meia idade e idoso), com diferentes desafios socio-emocionais, cognitivos e físicos, bem como diferentes etapas do ciclo vital da família. Segundo Relvas (1996), seguindo os estudos de Minuchin, estas etapas são a formação do casal; a família com filhos pequenos; a

família com filhos na escola; a família com filhos adolescentes e a família com filhos adultos. À medida que os filhos vão passando pelas diversas fases do ciclo vital, os papéis parentais vão sofrendo alterações, havendo um ajustamento no comportamento dos pais, de modo a construir uma base segura, ajudando-os nas dificuldades que estes se vão confrontando (desafio de ser pai pela primeira vez; lidar com a saída dos filhos) (Alarcão, 2002).

Dados os grupos constituídos, em particular o grupo de pais jovens face aos idosos, e considerando as mudanças sociais que têm ocorrido sobre a parentalidade e os papéis de género seria expectável que fossem encontradas diferenças significativas relativamente às crenças sobre o papel do pai. Os resultados obtidos não vão, no entanto nesse sentido, verificando-se que não existem diferenças entre as várias gerações (grupos) de pais. A perceção dos pais acerca do seu papel é semelhante, no sentido de uma visão modernista do papel do pai, ou seja, de um pai mais participativo na brincadeira com os filhos, que responde às necessidades psicológicas das crianças, bem como de um pai que se envolve quanto a mãe nos cuidados dos filhos (e.g., Os pais desempenham um papel central no desenvolvimento da personalidade das crianças; É tão importante para o pai, como o é para a mãe, responder às necessidades psicológicas criança; Os pais desempenham um papel central no desenvolvimento da personalidade das crianças; É essencial para o bem-estar das crianças que os pais passem tempo a interagir e a brincar com os (as) seus (suas) filhos (as)).

No estudo qualitativo de Balancho (2004), onde se comparam gerações de pais e avós os resultados são indicativos de que os últimos têm uma visão sobre a paternidade mais tradicional, ou seja, de um pai mais autoritário, mais distante emocionalmente e pouco envolvido nos cuidados à criança; enquanto a geração mais nova apresentava uma visão mais moderna do pai (mais sensíveis, próximos e envolvidos com a criança), mais distanciados da visão de pai autoritário e responsável pelo sustento financeiro da família. Refira-se, que enquanto neste estudo se utilizou uma metodologia quantitativa, Balancho (2004) utilizou uma metodologia qualitativa, com entrevistas aos sujeitos, permitindo clarificar as suas perceções e crenças face o papel do pai, bem como a visão que os avós tinham sobre este papel e as suas práticas quando foram pais. No presente trabalho não foi possível separar se as respostas dos sujeitos correspondem à sua visão atual da paternidade, sendo uma construção mais recente, ou se corresponde à sua visão enquanto pais, considerando as idades mais precoces das crianças.

Nesta linha, uma visão mais moderna da paternidade por parte dos nossos participantes mais velhos poderá estar associada ao facto de a maioria já ser avós. Diversos estudos indicam que o assumir o papel de avô tem impacto no desenvolvimento do adulto. O tornar-se avô proporciona uma reflexão particular sobre o seu papel em relação ao seu pai (geração anterior) e ao seu filho (geração seguinte), permitindo uma segunda oportunidade, de realizar coisas que não se teve oportunidade de fazer com os filhos (Bowen, 1991). No estudo de Novo & Prada (2015) que utilizou uma versão adaptada da Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal & Maroco, 2010), verificou-se que pais entre os 31 e os 35 anos se envolvem mais com os filhos do que os pais com idade superior a 46 anos.

Relativamente às diversas variáveis sociodemográficas analisadas verifica-se que não existem diferenças significativas quando se comparam o facto de os pais trabalharem ou não trabalharem; ao tipo de família (família pequena ou numerosa) e à idade do primeiro filho, ou seja, de quando foram pais pela primeira vez.

Diversos estudos indicam que o trabalho é importante para o desenvolvimento do adulto dado permitir para além da autonomia económica, a apropriação de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades e competências, sentimento de realização pessoal, levando o indivíduo a adotar uma posição ativa na construção da vida social, diante dos outros indivíduos, bem como da sociedade em geral (Arnett & Tanner, 2006).

Se por um lado o facto de o pai estar desempregado poder levar a um aumento do seu envolvimento com os filhos (Flouri & Buchanan, 2003), Cabrera et al. (2011) salientam que se terá que analisar a qualidade desse envolvimento, dado que o stress decorrente do facto do pai estar desempregado pode interferir com a qualidade dos comportamentos e envolvimento do pai.

No que diz respeito ao tipo de família (pequena ou numerosa), entende-se por famílias numerosas, famílias com três ou mais filhos, vivendo todos com o agregado familiar (APFN). Segundo os dados dos Censos 2011 existem em Portugal 3 226 371 famílias, sendo 7,36% são consideradas famílias numerosas com filhos. A literatura aponta que quanto maior é o número de filhos, menor é o envolvimento do pai para com os filhos, podendo indicar que na sociedade atual as famílias numerosas estão associadas a visões mais tradicionais da família e dos papéis parentais (Flouri & Buchanan, 2003; Wood & Repetti, 2004). No estudo de Monteiro e colaboradores (2010) com amostras portuguesas, que analisa o envolvimento do pai em diferentes

dimensões de cuidados e socialização não existem uma associação entre o número de irmãos (indicador do tipo de família) e o envolvimento do pai nos cuidados e brincadeira.

Relativamente à idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho os dados do INE indicam que em 2017 a idade média da mãe era de 30,3 anos de idade enquanto em 1960 era de 25,0 anos de idade, o que pode traduzir que a idade média dos pais ao nascimento do primeiro filho também é mais tardia (INE, 2018). Na amostra em estudo verificou-se uma associação positiva e significativa entre a idade do pai e a idade em que este foi pai pela primeira vez. Este resultado deve-se ao adiamento da transição para a parentalidade, tendência que tem vindo a crescer na sociedade portuguesa desde as gerações nascidas nos anos 50 (Aboim, 2010). Andrade (2010) refere este adiamento deve-se a mudanças sociais relacionadas com a instabilidade profissional e pela dificuldade dos jovens na inserção no mercado, adiando deste modo a entrada em papéis associados com a idade adulta.

Os nossos resultados indicam, ainda, associações negativas e significativas entre a idade do pai e as suas habilitações literárias, ou seja, quando mais velho o pai, menos habilitações possui, e entre as habilitações literárias do pai e o número de filhos. Nesta amostra as habilitações variaram entre o primeiro ciclo e o mestrado. Relativamente aos dados da Pordata (2017), comparando as idades dos homens no ativo e na reforma, as habilitações literárias (primeiro ciclo até ao ensino superior) variam, com apenas 13,0% dos pais ainda no ativo (>15 até 64) com o 1º ciclo do ensino básico e 51,2% com mais de 65 anos. 12,8% dos homens em idade ativa e 4,3% com mais de 65 anos tem o 2º ciclo. No 3º ciclo a percentagem do primeiro grupo é de 23,9% e maiores de 65 anos é de 9,7%. No que diz respeito ao secundário a percentagem para os homens até aos 64 anos é de 26,6% e de 4,3 % para homens com mais de 65 anos. Por fim, relativamente ao ensino superior para os primeiros é de 21,7% e segundos de 7,1%.

Comparando as diferentes gerações é possível verificar que os pais mais jovens têm maiores habilitações literárias. Em gerações anteriores cabia ao homem o dever de sustentar a família, e o ter um maior número de filhos implicava a necessidade de entrada no mercado de trabalho mais precocemente. Por outro lado, o tipo de trabalho, de um modo geral, exigia menos habilitações e especializações. Como já vimos anteriormente os pais com menores habilitações são os que têm mais idade. Alguns homens tiveram que interromper os seus estudos para sustentar a família ficando a cargo das mulheres as tarefas domésticas e os filhos (Aboim, 2010).

Relativamente ao rendimento familiar existe uma associação positiva e significativa com a idade em que se foi pai pela primeira, ou seja, quanto mais tarde foi pai pela primeira vez, maior o rendimento familiar. Estes resultados podem dever-se ao fato de muitos pais adiarem a entrada na parentalidade, devido ao investimento na sua formação e à entrada no mercado de trabalho. Os jovens esperam assumir a parentalidade depois de finalizar os estudos (Ferreira, 2017).

Com as alterações nas mudanças sociais e legais, foram criadas soluções públicas, nomeadamente na legislação sobre o direito de faltar ao trabalho e as licenças associadas (a participação do homem na licença parental). Com a entrada em vigor da lei 91/2009, de 9 de Abril, veio permitir ao pai de partilhar com a mãe a licença parental inicial, tem -se notado uma maior participação dos pais na vida dos filhos. Estas medidas têm tido um impacto positivo, com implicações para o aumento do número de pais que gozam estas licenças (Wall et al., 2016).

Ao longo dos tempos tem-se verificado que os estudos sobre o papel do pai e do envolvimento paterno no contexto familiar e educação da criança têm recebido especial atenção (Lamb, 2010; Monteiro et al., 2010). Deste modo o presente estudo visou contribuir para analisar as crenças que os pais têm sobre o seu papel na vida e desenvolvimento da criança. Os resultados apontam para um pai mais moderno, com uma maior perceção acerca do seu papel de pai.

Será importante indicar alguns pontos a melhorar, assim como, limitações do estudo. Seria importante aumentar a amostra e em particular diversificar as características sociodemográficas das mesmas. Também a desejabilidade social pode ter influenciado os resultados, no sentido de não se obter respostas verdadeiras ou que retratam a realidade vivida pelos sujeitos, a utilização de medidas adicionais, de observação ou de análise qualitativa de dados poderão ajudar a compreender melhor este domínio.

Em estudos futuros, seria interessante analisar não só a perceção do papel do pai mas, também, o seu envolvimento e participação na vida da criança, cruzando metodologias diversas, assim como diferentes informantes.

“Envolver os homens, nomeadamente decisores políticos e empregadores, enquanto participantes ativos e agentes de mudança, pois a promoção da igualdade de género poderia beneficiar do exemplo de figuras públicas do sexo masculino, quer da esfera política, quer empresarial, defendendo publicamente o direito de os homens serem prestadores de cuidados (a filhos/as, parceiros/as doentes, pais dependentes) e a organizarem o seu tempo de trabalho tendo em conta as suas responsabilidades familiares e de conciliação. Esta medida poderia ter um forte impacto na opinião pública, bem como nas atitudes dos/as restantes empregadores/as e trabalhadores/as” (citado por Wall et al., 2016, pg. 10).

## Bibliografia

- Aboim, S., Wall, K., Aboim, S., & Cunha, V. (Coords.) (2010). A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades. *Género, família e mudança em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), 39-66.
- Alarcão, M. (2002). *(Des) Equilíbrios Familiares* (2ª ed). Lisboa: Quarteto.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise psicológica*, 28 (2), 255-267. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v28n2/v28n2a02.pdf>
- Arnett, J.J., Tanner, J.L. (EDS). (2006). *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (p.3). Washington, DC; American Psychological Association.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 377-386. Disponível em <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/198/pdf>
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28 (85), 67-75.
- Bjorklund, D. F., Younger, J. L., & Pellegrini, A. D. (2002). The evolution of parenting and evolutionary approaches to childrearing. *Handbook of parenting*, 2 (1), 3-30.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo*. (B. E. A. de Lonné, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1979).
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). Measuring Father Involvement In The Early Head Start Evaluation: *A Multidimensional Conceptualization*. Washington, DC, EUA.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century, *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Cunha, V., Atalaia, S., & Wall, K. (2016). PolicyBrief II- *Homens e licenças parentais: quadro legal, atitudes e práticas*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 9-14. Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27160/1/ICS\\_VCunha\\_SAtalaia\\_KWall\\_PolicyBriefII.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27160/1/ICS_VCunha_SAtalaia_KWall_PolicyBriefII.pdf)
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *Current directions in psychological science*, 10 (1), 25-28.

- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J.N.(2015). Sense of competence and beliefs about parental roles in mothers and fathers as predictors of coparenting and child engagement in mother-father- infant triadic interactions. *Infant and child Development*, 25 (4), 283-301.
- Ferreira, M. M.A. (2017). Mudam-se os tempos, mudam- se as vontades? Transição para a idade adulta e expectativas sobre a conjugalidade e a parentalidade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of intact families. *British Journal of Developmental Psychology*, 21(1), 81-97.
- Fox, G. L., & Bruce, C. (2001). Conditional fatherhood: Identity theory and parental investment theory as alternative sources of explanation of fathering. *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 394-403.
- INE (2017). *Beneficiárias/os de licença parental inicial, da segurança social por sexo, anual*. Retirado de: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0006033&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006033&contexto=bd&selTab=tab2)
- INE (2018). *Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho*. Retirado de: <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+da+m%C3%A3e+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>
- Lamb, M. E. (Ed.). (2010). *The role of the Father in Child Development* (5th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons, Inc.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the Father: An Introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the Father in Child Development* (5th ed.) (1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons, Inc.
- Leandro, M.E. (2006). Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, 41, 51-74.
- Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. B. Ruivo, *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto, Portugal: Livpsic

- Maia, R. (2015). *De que modo os modelos internos dinâmicos do pai têm repercussões no envolvimento com o seu filho?* Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54 (3), 360-372.
- McBride, B. A., & Rane, T. R. (1997). Role identity, role investments, and paternal involvement: Implications for parenting programs for me. *Early Childhood Research Quarterly*, 12, 173 – 197
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I., P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspetiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44 (1), 120-130.
- Monteiro, L., Torres, N., Veríssimo, M., Costa, I. P., & Freitas, M. (2015). Análise fatorial confirmatória do questionário O Papel do Pai numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 33 (1), 113-120.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26 (3), 395-409.
- Nangle, S. M., Kelley, M. L., Fals-Stewart, W., & Levant, R. F. (2003). Work and family variables as related to paternal engagement, responsibility, and accessibility in dual-earner couples with young children. *Fathering*, 1 (1), 71.
- Novo, R., & Prada, A. (2015). Retratos do envolvimento paterno com crianças em idade pré-escolar na cidade de Bragança. *EDUSER: Revista de Educação*, 7 (2), 58-81.
- Palkovitz, R. J. (2002). *Involved fathering and men's adult development*. Mahwa: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o Jardim-de-Infância. *Análise Psicológica*, 4 (28), 565-580
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential fathers. Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp.222-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

- PORDATA, (2017). *Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho*. Retirado de: <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+da+m%C3%A3e+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>
- PORDATA, (2017). *População residente com 15 a 64 anos e 65 e mais anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%)*. Retirado de: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- Ramalho, A. C. F. D. N. (2015). *Relação do envolvimento paterno com variáveis do pai, da criança, da família de origem e da relação conjugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Rane, T.R., & Mabride, B.A. (2000). Identify theory as a guide to understanding fathers, involvement with their children. *Journal of family issues*, 21 (3), 347-366.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo de Vida da família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sarmento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, 26 (91), 361-378.
- Sidebotham, P. (2001). Culture, stress and the parent-child relationship: *A qualitative study of parents' perceptions of parenting*. *Child: Care, Health & Development*, 27 (6), 469-485.
- Silva, B. & Silva, M. (2014). *Necessidades e preocupações dos pais em diferentes etapas do ciclo vital*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67 (6), 957-964.
- Simões, R., Leal, I., Maroco, J. (2010). Paternal Involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia: Saúde e Doença*, 11 (2), 339-356
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e trabalho: uma perspectiva sociológica* (1ª edição). Celta Editora.
- Wall, K. (2014). Fathers on leave alone: Does it make a difference to their lives?. *Fathering: A Journal of Theory, Research, & Practice about Men as Fathers*, 12(2), 196-210. doi: 10.3149/fth.1202.196. Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11740/1/ICS\\_KWall\\_Fathers\\_ARI.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11740/1/ICS_KWall_Fathers_ARI.pdf)
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). *Livro Branco. Homens e igualdade de género em Portugal*. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.
- WALL, Karin (1997), "Portugal: Issues Concerning the Family in 1996", in John Ditch, Helen Barnes e Jonathan Bradshaw (eds.), *Developments in National Family*

*Policies in 1996*, York, University of York, European Commission/European Observatory on Family Policies, pp. 213-249

Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 237. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.237